

VIRACOPOS, FUTURO AEROPORTO INTERNACIONAL

Uma terra que, "como ordinária - É uma especialidade"

Os que viajam frequentemente de avião e o número desses passageiros cresce dia a dia - ouvem com interesse, cada vez maior, as notícias do que representa o aeroporto de Viracopos situado em Campinas, numa chapa da de céu claro e sem nuvens durante anos seguidos, na qual o pouso de avião se faz a qualquer hora e com qualquer tempo, quanto ao nosso de Congonhas, já em ponto de saturação, força os aparelhos a ficarem no alto, em círculos amplos, "pedindo campo", enquanto os passageiros se irritam, exasperam e frequentes vezes enjoam de forma lamentável.

Cuida-se agora de dotar aquela campina alta e bem fadada com instalações adequadas para receber os grandes e cada vez mais pesados aparelhos que, em Congonhas tem a base de concreto suficiente, mas não tem nem o espaço seguro e amplo, nem a claridade que os habilita, a qualquer hora, a pousarem em terra, livres de bicadas, uns nos outros, ou - o que é muito mais triste e já assinalou acidentes fatalíssimos - livres de trombadas em cabeços de morros ou em fraldas das serras que circundam S. Paulo.

Li num jornal que as obras de adaptação de Viracopos serão insignificantes, comparadas com o que em Congonhas se despendeu e ainda se despende, dada a composição do terreno daquela banda de terra campineira, livre de neblinas e nuvens baixas, distante de montanhas e cabeços de morro, num raio de cinquenta quilômetros e situada em ponto que facilitará as comunicações com a cidade, com todo o interior e com a capital, principalmente, quando a retificação da Via Anhanguera e a sua comunica-

ção com aquelas paragens tornarem mais fácil o transporte de passageiros e cargas que procuram a via aérea.

Há poucas semanas, numa dessas nossas tardes em que a neblina converte o céu em câmara escura, como um pátio cinzento, petrificação em toda a extensão, de Jaraguá à Cantareira e por aí afora, até os primeiros contrafortes da Serra do Mar, uma dezena de aviões da carreira comercial, impossibilitados de aqui pousarem e procurando evitar o perigo e os incômodos igualmente grande de um pouso em Cumbica, extendenram o vôo até Viracopos e lá fizeram a descida em calma, com segurança, em terra firme que está apenas reclamando o revestimento de concreto mais espesso para suportar a carga desses colossos internacionais que carregam toneladas de mercadorias, furando os céus americanos de ponta a ponta. Em menos de uma hora, impedidos de aqui pousarem, e quando os passageiros já começavam a ficar amarelos de apreensão, susto e enjôo, e no abatimento das rodadas em grandes círculos governados pelo rádio, deslocaram-se os dez aviões para Campinas e de lá para cá passageiros e malas completaram a viagem em ônibus e automóveis, com um acréscimo de hora e meia.

É um presente do céu que ali está e cuja riqueza só se aquilata em horas de incerteza e dúvida quando o mau tempo e as más condições de visibilidade - pode-se dizer de absoluta invisibilidade - retardam uma viagem e criam uma sensação estranha nos passageiros, não obstante a confiança que todos depositam nesse corpo de pilotos e de pessoal da aviação civil de que, dia a dia, mais se deve orgulhar de nossa gente. É uma rapaziada esbelta, de caras saudáveis, de estrutura física de campeões de pentatlo, rapagões de pouca fala e ar concentrado que, quando na pilotagem de grandes e peque

nos aparelhos, fazem do seu ofício um sacerdócio que impõe confiança na capacidade de todos eles e na eficiência das máquinas que manejam.

Mas em certas ocasiões como em tantos dias destes meses e de outros, a excelência da máquina e do condutor não podem devassar a treva das nuvens; e, sem a aparelhagem do vôo cego, o pouso pode ser catastrófico. Para isso Viracopos é a esperança e a solução.

No entanto, aquele setor do município de Campinas foi sempre apontado entre os de terra ordinária, sem serventia, de composição pobre, com manchas raras e exíguas de terra de alto padrão.

Quando a lavoura de café pompeava em seu fastígio em fins do século passado e nos princípios deste, e os cafezais opulentos se derramavam pelas encostas das terras apuradas de Anhumas, Tanquinho, Atibáia, Jaguarí, Souças, Cabras, Valinhos, e alguns amplos lençóis de Boa Vista, Rebouças e do eixo da futura Funilense - as paragens de Viracopos só apontavam propriedades agrícolas pequenas e mofinas. Os sítios de Viracopos, Descampado (esse nome já diz tudo), Campo Redondo e uma face de Capivari, nunca chegaram senão a produção cafeeira de safras exíguas: 50, 100, ao máximo 200 arrobas.

O Almanaque de Campinas de 1901, de Leopoldo do Amaral e A. B. de Castro Mendes, ao relacionar os proprietários agrícolas, bairro por bairro, aponta esses lavradores que figuram na classe dos menores. A colônia de Nova Helvétia, que de pouco se abria e vinha ampliando sua extraordinária prosperida

de, e era vizinha de Viracopos e Descampado, não ombreava com as fazendas de outras zonas que só falavam em produção de duas mil arrobas para cima. Os que primeiro ali se instalaram de 1900 para cá, substituindo os velhos lavradores, donos de sitiocas, eram portadores de nomes helvéticos ou americanos, que depois se fizeram chefes de novos troncos brasileiros, já integrados na nossa vida e nos costumes roceiros. E com o correr dos anos, deslocaram-se para terras melhores.

Em outro Almanaque, de 1914, de Benedito Otávio e Vicente Melilo, em que os fazendeiros, grandes e miúdos, figuram na estatística bairro por bairro, com a área de alqueires e os números de cafeeiros, os siti-antes de Viracopos, Descampado, Campo Redondo e Apaga Fogo continuam a ser os menores.

Viracopos ficou com antigos moradores e com uma parte grande da sua área convertida em inverna-da natural, para simples pouso de boiadas.

E vale, à propósito recordar um fato.

Em 1915 ou 16 recebi de Júlio Prestes um substalecimento de procuração para acompanhar uma divi-são de terras daquela zona, na qual era condômino, in-teressado o coronel Delfino Cerqueira. Recebido o su-bstalecimento fui juntá-lo aos autos que corriam pelo cartório do escrivão Ferraz de Abreu (Vara do dr. Abei-lard de Almeida Pires) mas verifiquei logo que o proces-so estava quase findo, sendo impossível uma intervenção para reclamar situação favorável entre terras melhores.

O agrimen~~tor~~, engenheiro Mariano Monte - santi, meu amigo, já tinha fechado o perímetro e "corta

do as glebas pela força dos títulos". Pedi-lhe dois dias de espera e vim à São Paulo entender-me com Júlio Prestes e esclarecer que muito tarde me mandara e le o substalecimento. E informei: - "o Delfino vai ficar com terras baixas e sêcas, porque as terras melhores já foram pedidas por outros, sem opção de ninguém". Mas Júlio atalhou logo:

- "O Delfino não pode pretender terras boas, porque tudo aquilo não presta para nada. O que ele quer é "chão", apenas chão, para pouso de boiadas, que ali passam rumo de Osasco ou Barueri, onde ele possui outras terras".

- "Vocês incham o papo quando falam da excelência das terras do município, como padrões".

E depois,, com um sorriso aberto e mo-fa:

"de terra boa... Pois em Itapetininga, eu ainda não encontrei terras mais ordinárias do que essas que o Delfino comprou em Campinas..."

Falei depois ao coronel Delfino, que Júlio Prestes o mandara chamar ao seu escritório na rua Direita, no antigo Prédio Tietê.

Delfino era um cabôclo de pele tostada pelo sol, de fala pausada, olhos pequenos e vivos, de um azul brilhante e empregava na conversa a linguagem incisiva dos criadores, boiadeiros e sitiante com os quais fazia negócios e intimidade. Amigo político e cabo dedicado de Júlio, como já fôra do coronel Fernando Prestes, percebia-se que no escritório desfrutava esse misto de intimidade e afeição que marca relações de longos períodos de trabalhos e lutas comuns .

Chamado a opinar sobre as terras, logo que eu lhe contei a área em alqueires já medida e <sup>a</sup>classificação feita pelos arbitradores, Delfino confirmou a asseção do seu advogado:

- O que eu quero ali é chão para o gado pousar e seguir. Aquela terra, como "ordinária", é uma especialidade... só dá barba de bode, cupim e joá..."

Não me recordo mais da gleba que coube a esse condômino. Só me recordo que, com o agrimensor percorri uma boa parte do perímetro de automovel e, parando num ou outro trecho, para observar a paisagem, corri os olhos àquelas extensões de campos ligeiramente ondulados com algumas restingas distantes de mato verde, que enfeitavam aquele descampado.

Montesanti ia informando sobre as glebas melhores e cultivadas, que ficaram para os agricultores antigos, homens de roça, filhos ou netos de primitivos posseiros e alguns descendentes de suíços, e quando eu observei, que a vista que dali descorinava era uma beleza, redarguiu na sua fala acaipirada e sugestiva:

-"A vista é bonita - mas vista não engorda gado..."

Depois disso, regressamos à cidade e na aquele mesmo mês o processo se encerrava com a decisão do juiz. Poucas vezes mais ouvi falar de Viracopos. O bairro em meus dias de jornalista, era de má fama, porque o povoado que lhe dava nome tinha frequência de sujeiros façanhudos, que de vez em quando, armavam sarilhos nas vendas e nas casas rústicas e do conflito saíam sempre alguns feridos à cacete, a pau ou a tiro. É dessa má tradição que lhe adveiu o nome: o chinfrim co

meçava nos botecos e, logo após a primeira alteração e troca de impróprios, os contendores viravam os copos do balcão, derrubavam garrafas e atracavam-se em luta sangrenta.

Voltei à Viracopos o ano passado, quando da excursão de propaganda da candidatura de Cristiano Machado à Presidente da República, com outros companheiros de comissão. Os aviões, em número de três da Real, demoraram mais do que estava planejado por terem sido retidos em São João da Boa Vista. Já estava escuro quando nós os divisamos no horizonte; mas logo depois baixavam o vôo e ali pousavam firmes, na terra batida, com a iluminação dos próprios faróis. E um membro da comitiva, Bento de Almeida Prado, que é também aviador de largo tirocínio, apontando para aquela imensa chapada observou: - "O sr. não calcula a riqueza que para Campinas representa este campo. A aviação internacional de S. Paulo terá aqui o seu campo de pouso seguro, porque Viracopos tem céu trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Aqui não há serra, não há morro, não há perigos. Tudo aberto e claro. Conheço - acrescentou ele - quase todos os campos de pouso do Brasil, inclusive os de emergência. Comparáveis a este, sei de dois - um no norte de Minas, outro no coração de Goiás, sendo este último o maior de todos, talvez um dos melhores do mundo. Mas Goiás é Goiás; e o de Minas é lá no norte do Estado, a quinhentos quilômetros de Belo Horizonte - ao passo que Viracopos está a uma hora e pouco de automovel de S. Paulo, e a vinte minutos que poderão ser reduzidos à dez minutos, de Campinas. Isto é uma riqueza imensa..."

"Riqueza imensa"... Lembrei-me, então, do juízo de Delfino Cerqueira - aquilo como terra or

dinária, é uma especialidade" - e rimos da apreciação feita trinta e poucos anos antes, sem dúvida procedente, sob o critério e pelo interesse que aquele chão representava para um boiadeiro e criador.

A riqueza natural ali está a reclamar instalações, pistas, depósitos, hangares, postos de sinal, observatórios de meteorologia, e melhores, mais rápidas e mais seguras comunicações com a cidade. Não é riqueza apenas para Campinas, mas para as comunicações por via aérea que tanto encurtam as distancias e reduzem o tempo, quanto aceleram os negócios e a atividade humana nesta época febril e turbilhonante, <sup>em</sup> que a medida do tempo e dos negócios não é o ano e o mês, mas a hora, reduzida a 50 minutos na legislação trabalhista.

CORRIGENDA - No último rodapé, linotipista e revisor substituíram "manalha" que estava no artigo, por "canalha", que eu não escrevi. Manalha é bando de estreinas ou tunantes, súcia de valdevinos" e foi nesse sentido que empreguei o termo.

"Do "Correio Paulistano" - 1.6.51)

São Paulo - 1-VI - 1951  
~~Viracopos~~